



## UMHA REPÚBLICA ESQUECIDA DENTRO DA GALIZA: O COUTO MISTO (I)

A vizinhança do Couto Misto contava com umha série de direitos e privilégios que conformavam o seu auto-governo. Nesta primeira entrega, X. Pereira expóm as hipóteses de diversas investigações sobre as origens desta pequena república que medrou entre conflitos senhoriais.

## CRIAÇOM

Quando semelhava que o resto do mundo estava por se sumir na modorra papamoscas do verám, caírom bombas em Gaza. Susana Sánchez Arins fijo-nos chegar este manifesto, escrito há já tempo, mas, como ela própria di, de maldita atualidade. Há chegar um dia em que os poemas desta Revista podam ser todos de amor.

## DESCONFIAR DAS IMAGENS. LEMBRANDO A HARUN FAROCKI

Iván G. Ambruñeiras, do Cineclub de Compostela, fai lembrança de Harun Farocki, cineasta alemám falecido neste verao. Assi, Ambruñeiras fala da capacidade de Farocki para interrogar o mundo contemporáneo desde as imagens que a própria contemporaneidade produz.

## A GALIZA NATURAL

# Sisargas, o paraíso das aves marinhas

João Aveledo

(...) das aves aquelas  
do pico tamanho,  
que soem retirar-se  
dos rudos trabalhos,  
de escolhos e praias  
do fero Oceano;  
e vão em ringleira  
gritando e voando,  
em demanda das Ilhas Sisargas (...)

Pondal



Sarmiento chamava-lhes Cisargas e mantinha a hipótese de que o nome original seria o de *insulas Caesaricas*, em referência a Júlio César. No entanto, a hipótese mais provável refere-se a um *insulas Isaricas*, da raiz hidronímica indo-europeia «Is» que significa fluir.

As Sisargas encontram-se situadas ao norte do cabo de Santo Adrião, num mar de tragédias marítimas, início da Costa da Morte. Estas águas sabem de inúmeros naufrágios, como o da *Ragazzona*, uma das naus capitãs da Armada Invencível (1588).

Mares medonhos, propícios para lendas como a da cobra de proporções gigantescas que tinha a sua toca nestas ilhas. O santo

Adriano matou o monstro após dura luta e na sua honra os vizinhos de Malpica construíram uma capela. Na região não são infrequentes os restos arqueológicos de cultos ofilátricos (às serpentes).

Com uma superfície total de cerca de 75 hectares, o pequeno arquipélago das Sisargas é formado pelas ilhas Sisarga Grande, Malante e Sisarga Chica, para além de pequenos ilhéus de rocha nua.

A Sisarga Grande conta com um pequeno cais e um farol. Em tempos houve uma ermida, a de Santa Marinha, destruída na Idade Média polos normandos. O faroleiro foi até 2004 o único morador permanente do arquipélago.

Os fortes ventos oceânicos difi-

cultam grandemente o crescimento de árvores, sobrevivendo apenas alguns pés raquíticos de pinheiros-de-Monterei (*Pinus radiata*) e de figueiras (*Ficus carica*). A vegetação predominante é constituída por tojeiras e herbáceas, entre as quais podemos salientar a rara *Rumex rupestris* e dous endemismos do ocidente ibérico, *Leucanthemum pluriflorum* e *Angelica pachycarpa*. Espanta a presença de plantas mais próprias de zonas de montanha como *Fritillaria pyrenaica* e *Doronicum pubescens*. Na primavera as ervas-denamorar (*Armeria maritima*) tingem de cor rosada as falésias.

Quando em 1948 visitou as Sisargas o salamanquino Francisco Bernis, um dos fundadores da So-

ciidade Espanhola de Ornitologia, ainda pôde descobrir com assombro uma população de 650 araus (*Uria aalge*). Os araus estão extintos como reprodutores desde há uma década, mas o arquipélago mantém a sua importância como local de nidificação de aves marinhas. A gaivota-de-patas-amarelas (*Larus michahellis*) tem aqui a segunda maior colónia da Galiza. Na década de setenta começaram a criar nas Sisargas mais duas espécies de gaivotas: a gaivota-escura (*Larus fuscus*) e a gaivota-tridáctila (*Rissa tridactyla*). Foi o primeiro registo da reprodução destas espécies na Península Ibérica. A gaivota-tridáctila entrou há anos em declínio e no último censo realizado já não

se encontraram ninhos. Ademais, existem, colónias de corvo-marinho-de-crista (*Phalacrocorax aristotelis*) e de cagarra (*Calonectris diomedea*). A importância ornitológica desta paragem completa-se assinalando que o cabo de Santo Adrião é, durante o final do verão e o princípio do outono, um dos melhores observatórios peninsulares da migração das aves marinhas.

Menção à parte merece a extraordinária riqueza pesqueira e marisqueira dos fundos marinhos deste arquipélago. Dizem que os seus percebes só têm comparação com os do Roncudo.

Nas Sisargas têm-se recolhido ovos para consumo humano, ademais caçavam-se as cagaras, consideradas delicioso petisco, mas estes costumes tradicionais praticamente desapareceram e hoje em dia a ameaça principal viaja de superpetroleiro.

Apesar da relevância dos seus valores naturais, as Sisargas ainda não fazem parte do Parque Nacional das Ilhas Atlânticas, algo que surpreende grandemente. Estarão acaso noutra oceano? Não, a explicação é muito mais prosaica... estão noutra província. E na Galiza feudal das deputações um limite provincial ainda constitui uma barreira mental e burocrática insuperável para alguns exímios representantes da espécie *Homo sapiens*.



# Umha república esquecida dentro da Galiza: O Couto Misto (I) .....

X. Pereira

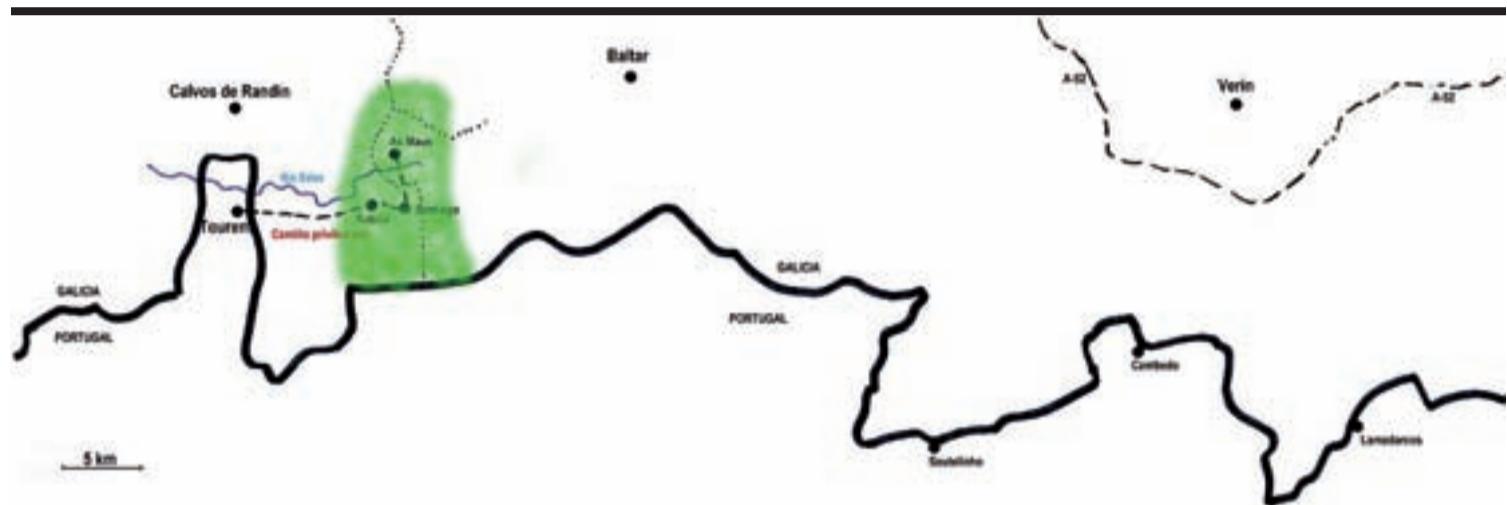
*“Dos duzentos vizinhos que hoje se encontram (no Couto Misto) só um há regularmente acomodado, os demais nem conhecem senom o infortúnio e as funestas consequências que trae umha liberdade ilimitada, umha abjeta liberdade”*

Pascual Madoz, *Dicionário Geográfico-Estatístico-histórico de Espanha e as suas possessões de Ultramar.*

Sobre um território dumhas 2695 hectares espalhadas sobre o vale do rio Salas, afluente do Límia e ascendendo cara às serras e alturas da Pena encontrava-se nom fai muito umha república de que nos falara Madoz no seu dicionário, informação que será recolhida por Vicente Risco para colaborar na enciclopédia geral do Reino de Galiza de Carreras Candí, no volume dedicado a Ourense. Assim, esta era umha república, onde os seus habitantes gozavam dumha série de direitos e privilégios tais como a eleição da nacionalidade, isenção do exército e de cargas fiscais, liberdade de cultivos e comércio, etc.. Ainda que o mais destacável se calhar é que, esse pequeno território dentro do Reino de Galiza auto-governava-se, algo fascinante tanto para a época como para hoje em dia.

## A origem

As pesquisas desenvolvidas para determinar a origem do couto batem sempre coas lendas populares que relatam os mais velhos habitantes contemporâneos dos povos chamados Mistos. É doado escutar-lhes as gentes da bisbarra a seguinte história sobre a origem dos privilégios do Couto Misto: “Há muitos anos umha princesa desterrada por causa de amores viu-se aturada na neve, na Serra da Pena, ao mesmo tempo que sentia as dores do parto. Sabedores destas circunstâncias os vizinhos da populações de Santiago, Rubiás e Meaus, buliram a oferecer-lhe ajuda, conseguindo baixar a dona e os seus acompanhantes até as aldeias do Couto, onde foi atendida. Agradecida por os cuidados, quando tem-



**Era umha república onde os habitantes gozavam de direitos e privilégios tais como a eleição da nacionalidade, isenção do exército e de cargas fiscais, liberdade de cultivos e comércio...**

po depois foi coroada como rainha, agasalhou os vizinhos do Couto com uns privilégios, entre os que o mais destacável foi nom ter que dar homens para a guerra a Espanha ou Portugal”.

Porém, um dos últimos Juízes do Couto Misto, Delfim Modesto Brandóm, afirma na sua *Historieta del Coto Mixto de 1907* que, “corria de antigo a versom de que os povos indicados sublevavam-se com frequência, antes por suposto da concessom dos seus foros, contra as autoridades imediatas das nações limítrofes, conseguindo assim a sua quase total independência”.

Como se pode ver das duas versom anteriores, a história do Couto Misto esvaece no decorrer dos séculos. Por isso mesmo, a origem da República esquecida, como a denomina Luis Manuel García Manhá, do ponto de vista histórico nom está definida, ainda que autores como o português Bento da Cruz e o coronel José Baptista Barreiros ligam o nascimento das populações mistas ao

contexto do surgimento da nacionalidade portuguesa, remontando-se ao século XII. Segundo outro respeitável autor como João Gonçalves da Costa, os devanditos lugares aparecem na jurisdição do Concelho da Piconha, a que o rei Sancho I outorgou carta foral, instalando umha fortaleza fronteiriça em finais do século XII e que posteriormente estaria ligado à poderosa Casa de Bragança e, mais tarde, com a Casa de Lemos e Monte-Rei.

Por outro lado, é de destacar que o sentido linear de fronteira nom é preciso até os séculos XIV e XV “ devido tanto à centralização da corte, como as jurisdições dos grandes senhores” como di a professora Paula Bordalo Lema, as “ relações de poder eram fortes e as de vassalagem ao soberano pouco definidas e mesmo ténues senom conflituosas”; assim, nom pode estranhar a existência dum Couto de senhorio do novo reino cristão (Portugal) que ocupa terras nos imprecisos confins do reino de Galiza. Essa imprecisom, ou fronteira de jurisdições, e nom linhas, ainda persistiu em boa medida até o século XVII naqueles lugares onde a natureza nom assinala umha fronteira indiscutível.

Outros autores, seguindo os passos do trabalho de Humberto Baquero Moreno sobre os municípios portugueses do século XII ao XV, apontam para outra possível origem do Couto

Misto, que seria os coutos de homiciados. Estas seriam instituições habilitadas para reabitar as terras desertas da fronteira, mediante réus da justiça que, com as famílias, redimiam as penas trabalhando e vivendo dentro do perímetro do Couto Misto. Se bem e certo que temos várias referências de que o Couto servia para o assentamento de fugidos da lei ou contrabandistas, poucos autores dam já como válida esta hipótese.

Entom, como se pode explicar que, durante sete séculos, existisse o Couto Misto, enclave territorial eclético e privilegiado entre a Galiza e Trás-os-Montes? A resposta só pode vir do manifestado pola doutora Paula Bordalo Lema, como já se indicou. A imprecisom das fronteiras limítrofes em virtude das honras dos grandes senhores, que transcendiam da relação que estes mantinham com o seu soberano, sem definir as vinculações de vassalagem nalguns casos e ainda em conflito com o monarca, perdurou no devir dos séculos, complicando-se no caso do Couto Misto coas cobiças dos senhorios dominantes (Bragança e Monte-Rei). Das rifas senhoriais derivou-se a intervenção das duas coroas peninsulares na jurisdição dos Mistos e, sem premeditá-lo, foram assentando os direitos históricos e privilégios dos vizinhos que perdurariam até 1864.

Deste jeito, o Couto Misto, um

**Das rifas senhoriais derivou-se a intervenção das coroas peninsulares e foram assentando os direitos históricos e privilégios dos vizinhos que perdurariam até 1864**

território eminentemente montanhoso do sul do país convertia-se numha república independente e democrática, pioneira na península ibérica neste último aspeto.

Ainda que se morasse noutra aldeia diferente à de Santiago, era aqui onde se constituiria para quantas atividades tinham interesse para o Couto. Na ata de entrega do Couto Misto a Espanha, assinada o 23 de Junho de 1868, principia-se a redaçom deste jeito: “En el pueblo de Santiago, cabeza del Couto Mixto...”. Como se pode ver, o reconhecimento de Santiago como capitalidade política era um feito constatado e assumido.

A história do Couto Misto é incrível e mui significativa, é parte da nossa história e nom merece cair no esquecimento, como di Luis Manuel García Manhá: “Há perto de quinhentos anos que Tomás Moro descreveu umha república imaginária. A obra foi titulada Utopia. O Couto Misto existiu; nom foi umha utopia. Mas hoje é umha república esquecida”.

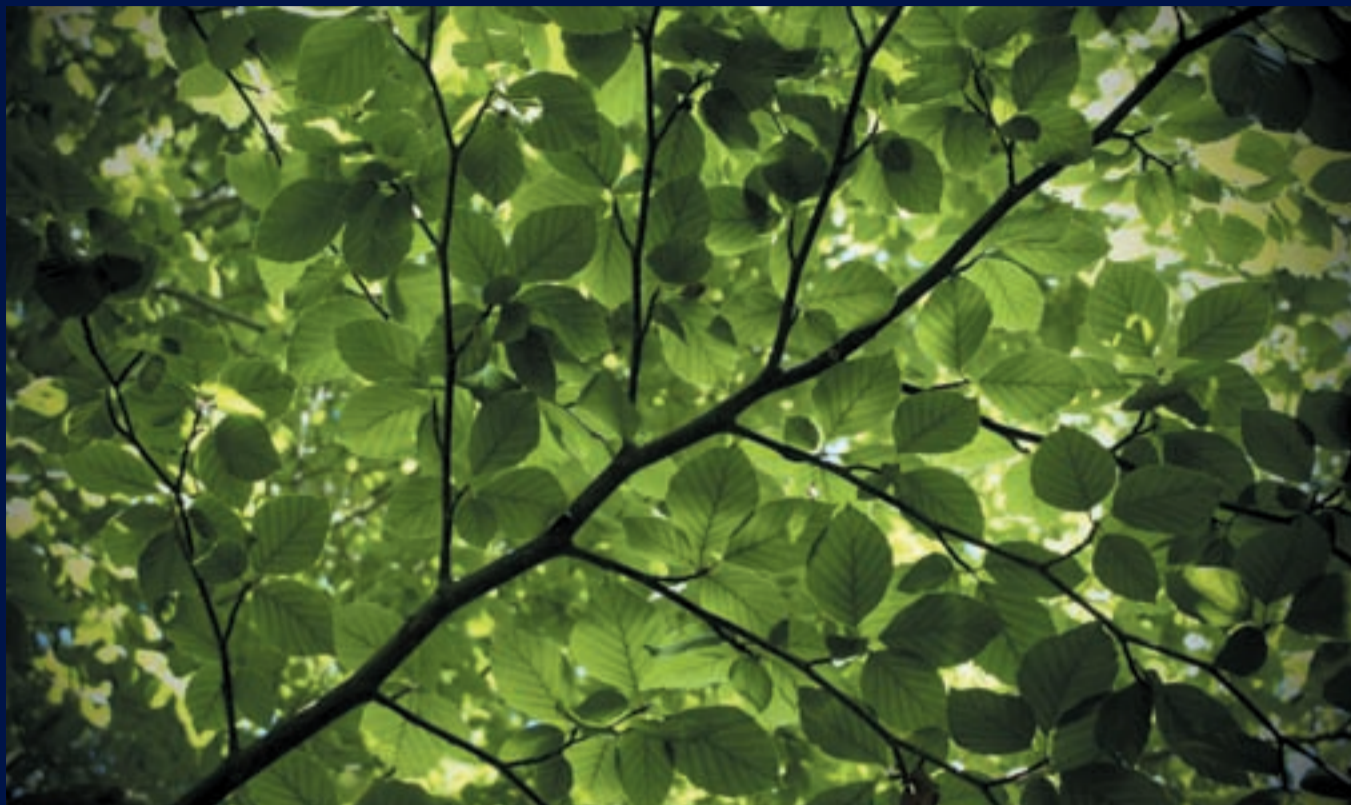


# A FOTO

Sabela Iglesias

"Dos tetos da língua  
seiva verdescente  
do povo negado  
Empréstimo traído  
Dação em causa  
Herança"

André Taboada



## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

Susana Sánchez Arins, umha velha conhecida desta secção e da qual gostamos muito, rachou este verán com silêncio da sesta para berrar por Gaza.



## gaza urgente da somatizaçom

e chegou o virus. a consciéncia do real.

a saliva que nunca percebemos  
a arroiá, como enchente de rio  
as no dia a dia ausentes amígdalas

cravos e alfinetes que se incrustam  
com cada som palavra sussurro  
no pariental occipital no esfenoide

relembrar a existéncia de um oco  
onde o olho direito onde o esquerdo  
porque estala no palpebrar incessante

saber das juntas todas de todas as jogas  
de bigornas martelos humildes estribos  
do vínculo secreto entre nariz e ouvidos

e a calor. a quentura que retira mantas  
e logo o atremofebrado frio que mantas  
centas não afugentam nem espantam

a doutora diz não ser mais que gripe.  
eu penso que um algo de gaza<sup>1</sup> também há.

### intifada

do coração arrinco as pedras.  
largo-as fora / longe de mim.

que não saia vitoriosa a indiferença.

### futebol

jogavamos quando nenas  
na carvalheira do fojo

ninguém queria ficar na portaria  
havia que suportar os tralhaços  
os punteiros a raiva dos goles

na lembrança pergunto-me:  
valerám os furos  
nas praias de gaza?

1.- ...e de congo e de sri lanka e de somália e de colômbia e de afeganistão e de iraque e de mianmar e de guiné conakri e de darfur e de..





## LÍNGUA NACIONAL

# Confluir é natural

Isabel Rei Samartim

Em recente conversa com um senhor do Porto saiu o tema dos diferentes sotaques e o seu conteúdo social. Ele, companheiro de mulher galega, tinha aprendido o sotaque próprio da zona dela e o utilizava com fluidez nas suas visitas estivais à terrinha. Dava-se bem com as expressões autóctones e a pronúncia característica dos erres, a troca dos vês pelos bês, a entoação das frases, o uso de léxico local. Entre todas as variantes que aplicava à sua prosódia, de base porto-lisbonense, apareciam também palavras em castelhano que o senhor do Porto aprendera e agora utilizava como um galego mais.

Chamou-me a atenção que para chegar-se a nós quisesse evitar, por exemplo, a palavra 'percurso'. Aprendera que entre falantes gale-

gos o habitual é dizer o castelhano 'recorrido', apesar dos esforços da filologia local que promove com insucesso a forma híbrida 'percorrido'. O senhor não fizera qualquer juízo na sua aprendizagem galega, ele imitava o que tinha ouvido, sem fazer questão de se era correto ou errado, simplesmente era assim.

A fala do senhor do Porto, com o seu sotaque do Sul adoçado pelo sabor galego, era um espelho sociolinguístico portugalego. "Nôm bês?", dizia com soltura, para depois prosseguir com um "não tás a ver?". O seu bom desempenho na pronúncia e nas expressões galegas era uma declaração de amizade e de respeito. O que pensaria ele da fala cuidada d@s galeg@s que ali estávamos? Tentávamos evitar castelhanismos e induzir na conversa a mesma vontade de confluência partindo do nosso lado, com o nosso sotaque e vivências da língua.



Por isso nós dizíamos 'percurso'. E 'muito obrigad@'. E 'gosto disso' com a mesma naturalidade com que ele dizia 'recorrido'. De súpeto expliquei que adorava escutar um português a se desenvolver num âmbito sonoro-linguístico que, ainda sendo próximo, era com certeza diferente e desconhe-

cido para a maior parte das pessoas portuguesas. E que gostaria muito de que a nossa intenção tivesse o mesmo efeito nele, que no Sul também nos valorizassem pela vontade de contribuir à construção comum de Galiza e Portugal.

A naturalidade aprende-se, bem como se aprende a língua que for.

Melhor seria limpar a nossa fala de castelhanismos, melhorar o conhecimento do nosso instrumento de expressão. Mas, por cima de tudo somos águas de rios que se encontram, e que, em rodeando uma mesa, para qualquer grupo, em qualquer lugar, a vontade de confluir é o mais natural.

## CINEMA

# Desconfiar das imagens. Lembrando a Harun Farocki

Iván G. Ambrunheiras

Quando alá por julho morreu o cineasta alemão Harun Farocki, no Cineclub de Compostela pensamos fazer umha nota a modo de obituário, mas as dinâmicas estivais acabárom por deixar adiada essa intenção, de modo que pensei em aproveitar esta página para cumprir essa dívida pendente. Nom em vam, desde que começamos a descobrir o cinema de Farocki, este converteu-se num suspeito habitual das nossas programações, devido à abraiante capacidade deste para interrogar o mundo contemporâneo desde as imagens que este produz.

Umhas imagens nas quais Farocki desconfia, como bem di o título em castelán dumha compilação de artigos seus. Mas essa desconfiança nom é a da pós-modernidade (nem sequer da sua vertente crítica), que renega da sua capacidade para tocar o real assumindo que som signos intercambiáveis, senom que toma a sério os efeitos que as imagens produzem sobre todos nós,



espetadores e utilizadores das mesmas. Já desde os primeiros filmes, esta distância entre a imagem e o real (que Farocki aprende das ensinanças dum Brecht que marca com força as premissas do seu estilo) estabelece-se com toda a crueza, como nesse prólogo exemplar que abre o seu primeiro filme, *O lume inextinguível*. Nele, Farocki apaga um cigarro no braço para mostrar por meio do próprio corpo a distância que há entre essa pequena queimadura e a

temperatura do napalm que o filme denuncia numha continuação que perde força e se desenvolve seguindo os cânones do cinema militante da época, como se fosse umha caste de liçom.

O seu cinema continuará a ter ao longo da sua trajetória essa gravidade teórica, mas a partir de meados dos 80 este desenvolve umha forma singular de ensaio filmico (ou videográfico, visto que o mundo da arte vai substituindo o cinema como covil onde poder realizar as suas

investigações) que se afasta das intuições poéticas dum Marker ou dum Godard, assim como da sua dependência do cinema como fonte principal de metragem a analisar, para pôr a ánfase em profundos estudos analíticos das formas de ver da sociedade contemporânea.

Umhas formas de ver que Farocki cataloga exaustivamente por meio de umha montagem de imagens que se contrastam e dissecam até o último detalhe, desde os sistemas de controle e

vigilância (*Imagens de prisom*) à linguagem publicitária (*Um dia na vida dum telespetador*), passando polos novos mecanismos de simulação da guerra limpa (a trilogia *Olho/Máquina*), para entender como funcionam e como configuram o nosso espaço público.

Um trabalho quase enciclopédico, em que as obras aparecem como um passo mais num projeto global de análise visual que fica agora talhada, e é por isso polo que esta perda parece especialmente dolorosa para o cinema contemporâneo. Porque Farocki acabou sendo um dos poucos autores que se atreveu a questionar os novos meios como formas que nom som só utilitárias (essas imagens "operativas" das quais fala nos seus filmes), mas que também estão carregadas de ideologia, como se observa de maneira evidente nessas que permitem matar a distância e em que as pessoas perdem a sua corporeidade. Umha obra, por tanto, que como o lume do seu primeiro filme, abre vias e ressonâncias inextinguíveis para quem as queira percorrer.